

RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIÁS CAMINHA OU DENÚNCIAS DO PROFETA LIMA BARRETO

Memoirs of Notary Isaias Caminha or Denunciations of Prophet Lima Barreto

Maria Eneida Matos da Rosa*

Resumo: O artigo intitulado “Recordações do escrivão Isaiás Caminha ou denúncias do profeta Lima Barreto” tem por objetivo tratar da exclusão do intelectual na literatura brasileira. Lima Barreto também desvela o universo da imprensa nacional comparado a um microcosmo capitalista. Já na alusão a nomes como Coelho Netto e Afrânio Peixoto traça um perfil do sistema literário brasileiro e os eleitos para pertencer a esse sistema, uma vez que fora excluído. A explicação para esse lapso não reside apenas na sua cor e na pobreza, mas sim por não seguir as concepções dominantes. Daí até hoje persistir a idéia de que Lima Barreto era um escritor ressentido. Cabe ao leitor, através de seu horizonte de expectativas, promover discussões acerca do livro, pois pode ter uma resposta diferente a cada momento, principalmente por que a obra tem vida própria.

Palavras-chave: Lima Barreto – literatura brasileira – sistema literário – literatura e imprensa.

Abstract: The article named “Recordações do escrivão Isaiás Caminha or denunciations of the prophet Lima Barreto” objects to discuss the exclusion of the intellectual in the Brazilian literature. Lima Barreto also reveals the realm of national press comparing to a capitalist microcosm. Alluding to names such as Coelho Netto and Afrânio Peixoto, the author makes a Brazilian literary profile and the authors chosen to belong to this system, since he was excluded. The explanation for this lapse is not only in his color or poverty, but in the fact that he did not follow the dominant tendencies; thus, the persistent idea that he was a resented writer. It is up to the readers to discuss the book through their horizons of expectations, for they might find a different answer each time, especially because the book has life of its own.

Key words: Lima Barreto – Brazilian literature – literary system – literature and press.

* Aluna do Doutorado em Letras da PUCRS

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	-------------	------	------	---------------	---------

De Afonso Henriques de Lima Barreto está tudo aí, vivo, pulando, nas ruas, se mexendo, incrivelmente sem solução [...]. Da forma descarnada, crua, tupiniquim com que o mulato flagrou esta vida carioca brasileira, sul-americana.

João Antônio (Calvários e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto)

Conforme destaca João Antônio, Lima Barreto “[nasceu] num dia de encabulação, uma sexta-feira, treze. Morreu em 1922 e, mesmo depois de morto, pagou caro pela coragem, valentia e gênio. Afinal, vivemos num mundo em que não se tem essa singularidade impunemente. Mais ainda quando salta a característica do caráter”. Daí a restrição de muitos críticos ao seu nome, mantido, segundo esclarece João Antônio, “como uma espécie de pingente no quadro geral de nossos valores literários. Literalmente” (1977, p. 13).

No que se refere à obra *Recordações do escrivão Isaias Caminha*¹, antes de começar propriamente a narração, trata numa

¹ Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922). Filho de um tipógrafo e de uma professora primária, ambos mestiços. Aos sete anos, ficou órfão de mãe. Proclamada a República, seu pai é demitido da Imprensa Nacional pelo fato de lá ter entrado pela mão do Visconde de Ouro Preto. Vão, pai e filho morar na Ilha do Governador em cuja Colônia de Alienados o ex-tipógrafo trabalhará como almoxarife. Graças à proteção do Visconde, seu padrinho, Lima Barreto pôde completar o curso secundário e matricular-se na Escola Politécnica (1897) que freqüentaria até abandonar, em 1903. Nesse meio tempo seu pai enlouquece e é recolhido à Colônia. O escritor passa a viver como pequeno funcionário da Secretaria da Guerra e a colaborar na imprensa. Lendo avidamente literatura de ficção européia do século XIX, Lima Barreto foi dos raros intelectuais brasileiros que conheceram, na época, os grandes romancistas russos. Vivendo constantes crises de depressão teve que se internar por duas vezes no Hospício Nacional (em 1914 e 1919); da segunda estada nasceu o *Cemitério dos Vivos*. A partir de 1918, impressionado pela Revolução de Outubro, entrou a militar na imprensa maximalista, vindo a redigir um manifesto, no semanário *ABC*, aos 11 de maio do mesmo ano. São dessa fase os números artigos de crítica social que se enfeixaram em livros depois de sua morte. Lima Barreto morreu de colapso cardíaco, aos quarenta e um anos de idade. Obra: *Recordações do Escrivão*

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	-------------	------	------	---------------	---------

espécie de prefácio intitulado “Breve Notícia”, de alguns aspectos relevantes em relação ao livro. O texto se abre com uma epígrafe extraída da obra, *Vers d’un Philosophe*, de Jean Marie Guyau. A princípio esclarece que começou a publicar na revista *Floreal*, editada por ele, por fins de 1907, as *Recordações* do seu amigo, Isaías Caminha, escrivão da Coletoria Federal de Caxambi, Estado do Espírito Santo. Só mais tarde, contudo, “graças ao encorajamento que mereceu a modesta obra do escrivão” (p. 17), tratou de publicá-la em volume.

A “Breve Notícia” apresenta uma peculiaridade que reside no fato de ser escrita tanto pelo autor real, Lima Barreto, como pelo suposto autor, Isaías Caminha. Sua abertura é feita pelo autor-real, que se diz editor das recordações do seu amigo Isaías Caminha. Isaías, o suposto autor, explica tanto os motivos que o levaram a tornar-se escritor e a tomar sua experiência existencial como matéria do romance e os fatores determinantes que o conduziram à atual situação de escrivão da coletoria de uma pequena cidade interiorana.

Carlos Erivany Fantinati (1978, p. 49) afirma que, somadas a essas considerações de Isaías Caminha, datadas de doze de julho de 1905, “segue-se uma nota de trinta e um de dezembro de 1916, escrita pelo autor-real Lima Barreto, no Rio de Janeiro, da qual é contemporânea a introdução ao prefácio”. É nessa parte final, assevera Fantinati, que “o autor-real conta a atual situação de Isaías Caminha, alguns anos após a publicação do livro, e faz menção a uma carta em que este lhe expõe ter trocado as amarguras da literatura pelos êxitos da política”.

Fantinati esclarece ainda que se o romance possui atualmente essa “Breve Notícia”, não foi com ela que saiu a primeira edição da obra. A parte do prefácio, datada de 1905 que constava da edição dos

Isaías Caminha, 1909; *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, 1911 (em folhetins do *Jornal do Comércio*), 1915, em livro; *Numa e Ninfa*, 1915; *Vida e Morte de M.J.Gonzaga de Sá*, 1919; *Bagatelas*, 1923; *Os Bruzundangas*, 1923. A partir de 1956, nas *Obras* de Lima Barreto, organizadas sob a direção de Francisco Assis Barbosa, com a colaboração de Antônio Houaiss e Cavalcanti Proença os livros citados e mais: *Histórias e Sonhos* (contos), *Coisas do Reino de Jambon* (sátira), *Feiras e Mafuás* (artigos e crônicas), *Vida Urbana* (artigos e crônicas), *Marginália* (artigos e crônicas), *Diário Íntimo* (memórias), *O Cemitério dos Sonhos* (memórias), todos pela editora Brasiliense. BOSI, Alfredo. (1994)

História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	-------------	------	------	---------------	---------

primeiros capítulos, realizada em 1907, na revista *Floreal*, foi excluída, por decisão de Lima Barreto, na edição realizada em Lisboa pela Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & Cia em 1909 e revista pelo escritor português Albino Forjaz Sampaio. Destaca, por seu turno (FANTINATI, 1978, p. 49), “[como] a conhecemos hoje, a ‘Breve Notícia’ só foi incluída a partir da segunda edição, levada a efeito em 1917, no Rio de Janeiro, quando Lima Barreto reviu e aumentou a obra”.

Lima Barreto, neste prefácio, não hesita em trazer algumas palavras elogiosas proferidas por José Veríssimo em relação à mencionada revista e ao romance, o qual acredita ter descoberto alguma coisa: “E escritos com uma simplicidade e sobriedade, e já tal qual sentimento de estilo que corroboram essa impressão” (p. 18), mas segundo assinala Brito Broca (2005, p. 306), “[isto] não bastou para prolongar a vida de *Floreal*, que se extinguiu depois do quarto número. Era lógico, afirma Broca, “[difícilmente] se poderia admitir um periódico literário nessa época sem um forte lastro de mundanismo. [...] Lima Barreto perdia o instrumento de divulgação com que sonhava”.

Entretanto, o objetivo principal de escrever a obra deve-se a um comentário maldoso acerca da inteligência das pessoas de seu nascimento, isto é, os negros, escrito em um jornal nacional. A tese defendida no artigo atestava a inferioridade dos negros, uma vez que “notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou em regra geral, pela ausência deles” (p. 17).

Diante de tais palavras, Lima Barreto decidiu olhar para o seu passado. Resolveu, pois, narrar trechos de sua vida, sem reservas nem perífrases, para “mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins e de tão belos começos” (p. 19). E, por isso, não tencionou fazer uma obra de arte, muito menos uma obra de ódio, trata-se, adverte, “de uma defesa a acusações deduzidas superficialmente de aparências cuja essência explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no indivíduo desprovido de tudo” (p. 19).

Por fim, dirige-se ao leitor e pede desculpas pela pobreza de sua narração, ironizando ao afirmar que não é propriamente um

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	-------------	------	------	---------------	---------

literato, uma vez que “não se inscreveu nos registros da livraria Garnier do Rio, nem nunca vestiu casaca e os grandes jornais da Capital ainda não me aclamaram como tal” (p. 19-20).

Recordações do escrivão Isaías Caminha narra a história de um jovem mulato provinciano que vai menino para o Rio de Janeiro, pensando em fazer a vida e virar doutor. Pobre, mas letrado e cheio de idealismo, é convencido por sua tia a pedir auxílio ao tio Valentim, que conhece um deputado influente no Rio de Janeiro, o doutor Castro. Tal recomendação enche de esperanças o rapaz que acredita conseguir trabalho logo que chegar à cidade.

É notável, logo no início da obra, o desejo de ascensão da personagem, sobretudo, devido ao envolvimento desde pequeno com o mundo da leitura proporcionado por seu pai, que era, conforme afirma, “fortemente inteligente e ilustrado, em começo, na minha primeira infância, estimulou-me pela obscuridade de suas exortações”.² Daí o seu desejo de “colimar glórias extraordinárias”, tendo em vista que a faculdade de explicar tudo de seu pai “constituíam, não só uma razão de ser felicidade, de abundância e riqueza, mas também um título para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de toda a gente” (p. 21).

No ambiente escolar o apego pelos estudos não diminuiu, de modo que seu desempenho lhe rendeu o apreço da professora que lhe deu como recordação um exemplar do *Poder da Vontade*, seu livro de cabeceira. No término dos estudos tinha uma boa reputação de estudante, fato que o impulsionou a sonhar com a cidade do Rio de Janeiro. Mas, ao mesmo tempo, projetava dificuldades que o impediam de prosseguir com o sonho. Contudo, ao ler num jornal que um antigo colega havia se formado em Farmácia e este sendo burro, imaginou então que talvez tivesse “vitórias no Rio”.

Assim, decide partir, munido da carta de recomendação que o faz pensar que a situação no Rio estava garantida. O grande sonho de ser doutor, segundo ele, “[resgataria] o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Ah! Doutor! Doutor!... Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos” (p. 26).

Quer dizer, Isaías ambicionava ser tudo aquilo que iria renegar

² Cf. BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Ática, 2003.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	-------------	------	------	---------------	---------

e/ou criticar mais tarde. Logo, “[ser] formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo-intanha antes de ferir a martelada à beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas, pelas salas, recebendo cumprimentos: Doutor, como passou? [...] Era sobre-humano!” (p. 26)

O primeiro contato com a cidade, porém, se encarregaria de dissipar aos poucos as primeiras ilusões. Não só no aspecto visual da urbe, conforme suas palavras, “[nas] ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que se ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem beleza alguma” (p. 31), mas também no primeiro encontro com as pessoas desse novo ambiente. A visão afetada e arrogante do “padeiro” endinheirado Laje da Silva, o fingimento insuportável de Raul Gusmão, a imagem deprimente de um senador da República em atitudes obscenas em pleno bonde. Nesse sentido, o espaço e as pessoas põem diante dele um mundo de aparências e de interesses escusos.

A primeira impressão que tem dos jornalistas é proporcionada pela figura de Raul Gusmão, tratado de modo pejorativo pelo narrador. Este é comparado a um antropóide, que “[falava] e não nos olhava quase; errava os olhos – os olhos pequeninos dentro de umas órbitas quase circulares a lembrar vagamente uma raça qualquer de suíno [...]” (p. 34). Tal visão é reiterada também através da figura do jornalista Oliveira, que trabalhava no jornal *O Globo*:

De manhã pus-me a recapitular todos esses episódios; e sobre todos pairava a figura inflada, mescla de suíno e de símio, do célebre jornalista Raul Gusmão. O próprio Oliveira, tão parvo e tão besta, tinha alguma coisa dele, do seu fingimento de superioridade, dos seus gestos fabricados, da sua procura de frases de efeito, de seu galope para o espanto e para a surpresa (p. 36).

A decepção é multiplicada diante do triste espetáculo de uma sessão do plenário da Câmara, para onde fora à procura de seu pretense protetor, o doutor Castro. O que para ele se afigurou sempre em lugar sagrado da soberania popular transforma-se, rapidamente, numa experiência vergonhosa, ante a visão dos deputados dormindo,

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	-------------	------	------	---------------	---------

conversando ou ignorando o colega que ocupava a tribuna.

Mas a situação se agrava quando o deputado mostra-se indiferente e se recusa a ajudá-lo. A partir daí, a falta de dinheiro, o desemprego e as humilhações serão constantes, a ponto de ser acusado de roubo. Revoltado, ofende o delegado e é preso, mas logo é posto em liberdade por conhecer um jornalista a quem o delegado temia. Conforme o delegado, “[um] jornalista é sempre um homem importante, respeitado, e nós, da polícia, temo-lo sempre em grande conta...” e adverte ao rapaz, “[não] diga nada ao doutor Rostóloff – sabe? Ele pode publicar e ambos nós temos a perder” (p. 67).

Por intermédio do amigo russo e jornalista Gregoróvitch começa a trabalhar no jornal *O Globo*, onde apesar de contínuo tem condições para manter a pensão e a comida. Tal circunstância é suficiente para que deixe os sonhos de lado e se encolha numa atitude subserviente, mas que lhe garante a subsistência.

Partindo da obra *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, é pertinente trazer ainda algumas considerações acerca do artista militante, postuladas por Carlos Erivany Fantinati (1978). Ele avalia que para “um artista militante, sua função não é exclusivamente produzir uma obra de arte esteticamente válida, mas realizar uma obra que contenha um sentido revolucionário do ponto de vista social” (p. 05).

Lima Barreto, em muitos aspectos, mostra-se revolucionário, a ponto de inúmeras vezes ser apontado como um dos precursores do Modernismo. Mas o que Barreto faz é ir de encontro ao sistema. Ele luta contra todos que detém o poder e fazem disso instrumento de manipulação e troca de favores. Daí também o uso de uma linguagem simples, sem rebuscamentos formais, até mesmo porque persiste na idéia de que não é de fato um literato, pelo menos não o tipo forjado na época. É ainda, nesse sentido, uma forma de recusa de compromisso com a elite intelectual, também feita na denúncia da escrita academicista, coelhonetista.

Todavia, conforme destaca Fantinati, o artista militante, “embora seja um contestador da sociedade e do sistema intelectual vigente, apresenta ele em relação ao intelectual triunfante num sistema simbólico, um ponto comum, a saber, a busca do sucesso” (p. 07). Ele prossegue afirmando que “[se] a marca do artista que goza do beneplácito do campo intelectual é o êxodo social, a necessidade imanente ao projeto do artista militante é a de uma recepção social

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	-------------	------	------	---------------	---------

positiva”, de modo que uma recusa social de sua obra significaria um sistema de fracasso que ele atribuiria a si mesmo.

Fantinati procura distinguir o intelectual triunfante do artista militante. Para ele, enquanto o primeiro submete sua obra às pressões sociais, adequando-se às exigências dos consumidores, o outro renega e repudia a busca da consagração pela concessão às pressões externas. Seu intuito é adquiri-la pela contestação da arte triunfante, utilizando-se, para isto, de recursos críticos como a paródia, a sátira, a ironia e formas outras de destruição.

Destruição que Lima Barreto faz na descrição dos jornalistas e da imprensa em geral. Para tanto, constrói uma espécie de campo semântico, repleto de rebaixamentos, para descrever, por exemplo, a figura do jornalista Raul Gusmão, misto de “porco Yorkshire e o seu corpo de elefante indiano, tendo sempre nos lábios aquele sorriso afetado, um horroroso ríctus, decerto o jeito de sorrir do *Pithecanthropus erectus*” (p. 40). Ou ainda quando expõe a sua opinião acerca da imprensa. Para o narrador, o jornal é “a mais tirânica manifestação do capitalismo e a mais terrível também...” É, reitera o narrador, “um poder vago, sutil, impessoal, que só poucas inteligências podem colher-lhe a força e a essencial ausência da mais elementar moralidade, dos mais rudimentares sentimentos de justiça e honestidade!” Ele salienta ainda que

[são] grandes empresas, propriedades de venturosos donos, destinadas a lhe dar domínio sobre as massas, em cuja linguagem falam, e a cuja inferioridade mental vão ao encontro, conduzindo os governos, os caracteres para os seus desejos inferiores, para os seus atrozes lucros burgueses... (p. 81).

As denúncias são reiteradas no episódio em que ocorre um crime, e o diretor do Jornal *O Globo*, Ricardo Loberant ordenou que escrevessem página e meia sobre o crime; que se inventasse, que se dessem os menores pormenores, as suspeitas mais desarrazoadas, para que vendesse cinco mil exemplares para a venda avulsa. Por isso, não titubeou em endossar o laudo expedido pelo médico Franco de Andrade que concluiu “que o homem era mulato, muito adiantado é

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	----------------	------	------	------------------	---------

verdade, um quarterão, mas ainda com grandes sinais antropológicos da raça negra” (p. 125).

Somente passados oito dias “descobriu-se que o morto era o cidadão italiano Pascoal Martinelli, estabelecido com fábrica de massas na capital portenha, que partira para a Europa com a mulher, tencionando demorar-se uns dias no Rio de Janeiro” (p. 126). Todavia, um dia antes da elucidação do caso, o doutor Franco de Andrade fora nomeado diretor do Serviço Médico Legal da Polícia da cidade do Rio de Janeiro.

Sem contar os boatos disseminados de forma irresponsável contra o governo a fim de se obter favores. Espalhou-se a notícia de que o Governo pretendia operar violentamente os homens e mulheres de pés grandes, como os chinas, impressionando fortemente o espírito popular, levando-os a um sangrento motim.³ Isaías conclui que tal intento tinha produzido o efeito necessário:

Aquele repetir diário em longos artigos solenes de que o Governo era desonesto e desejava oprimir o povo, que aquele projeto visava enriquecer um sindicato de fabricantes de calçado, [...] a irritação alastrava com a violência de uma epidemia” (p. 143).

Depois desse episódio, o presidente, segundo destaca o narrador, teve que demitir a maioria dos ministros, o prefeito e o chefe de polícia também saíram. Logo, o jornal obteve resultados satisfatórios, de modo que, “[o] diário de Loberant ficou sendo quase a sétima secretaria do Estado” (p. 147).

Em meio a esse contexto trata até mesmo dos jornais clandestinos, como *O Azeite* e *O Carbonário*, e conforme explica, são geralmente “pequenos semanários em que se denunciavam os namoros e também, com grosseiros circunlóquios, os escândalos familiares e os adultérios da cidade. [...] A polícia sempre perseguia tais publicações” (p. 38).

Segundo Francisco de Assis Barbosa (2002, p. 194), “como pouca gente letrada no Brasil hoje ignora, o romance de Lima Barreto é uma sátira ao *Correio da Manhã*, escolhido dentro os demais por ser

³ Na verdade, o autor refere-se ao episódio sangrento da Revolta da Vacina.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	----------------	------	------	------------------	---------

o de maior sucesso, o mais representativo, o mais típico, o mais retratável dos órgãos da imprensa da época” e, por isso, a obra foi lida durante muito tempo, apenas como um *roman à clef*.

Assis Barbosa destaca que a sátira cruel engendrada por Barreto referia-se a inúmeras personalidades da época, revelada num artigo de B. Quadros, pseudônimo de Antônio Noronha Santos, (amigo de Lima Barreto na revista *Floreal*), na revista *Vida Nova*. Há outra versão postulada por Gondim da Fonseca, mas com algumas divergências de nomes. Segundo B. Quadros, a chave do romance é a seguinte:

Plínio de Andrade ou Plínio Gravatá – Lima Barreto; Ricardo Loberant – Edmundo Bittencourt; Aires d’Ávila – Leão Veloso (Gil Vidal); Leporace – Vicente Pirajibe; Lobo, o gramático – Cândido Lago; Floc – João Itiberê da Cunha (Jic); Veiga Filho – Coelho Neto; Raul Gusmão – João do Rio; Gregorovitch Rostoloff – Mário Cataruzza; Pranzini, o gerente – o Fogliani, do *Fon-Fon*; Dr. Franco de Andrade – Afrânio Peixoto; Losque – Gastão Bousquet; Dr. Demóstenes Brandão – o juiz Cícero Seabra (irmão de J.J.Seabra); Laje da Silva – Pascoal Segreto; Casa da Valentina – a Valery ou a Richard, duas das mais célebres “pensões do tempo [entre outros nomes omitidos por não serem tão conhecidos hoje]” (p. 195).

Lima Barreto, além de tratar de personalidades conhecidas da época como políticos e jornalistas, fala acerca do próprio sistema literário ao trazer autores que tiveram mais prestígio do que ele como João do Rio, Coelho Neto e Afrânio Peixoto. Todos, obviamente retratados com ares afetados ou zoomorfizados, no intuito de rebaixá-los.

Insera ainda a figura do poeta Abelardo Leiva supostamente politizado, que fazia greves e participava de reuniões do operariado, mas que, de outro lado, para Isaías, parecia ser mais sincero na sua poesia palaciana e de modista do que nas idéias revolucionárias. Quer dizer, para Lima Barreto, o intelectual que fala das agruras do povo deve estar inserido nesse contexto e não assistir aos problemas do alto

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	----------------	------	------	------------------	---------

de uma torre de marfim.

Com efeito, mesmo permeada por inúmeras denúncias, a obra de Lima Barreto apresenta o mundo da leitura no cotidiano da personagem Isaías, quando menino, no meio rural, e também na cidade. Nos momentos de maiores dificuldades, por exemplo, Isaías procurava refúgio nas bibliotecas, numa espécie de fuga da realidade difícil. Assim, “[jantava], uns dias; em outros, almoçava unicamente; e houve muitos que nem uma coisa nem outra fiz. Descobri a Biblioteca Nacional, para onde muitas vezes fui, cheio de fome, ler Maupassante e Daudet” (p. 73).

O mundo da leitura continua quando elenca uma série de obras e autores para explicar o porquê do seu desapego às normas e ao rótulo de literato. O fato de ter lido *O Crime e o Castigo* de Dostoiévski, um volume de contos de Voltaire, *A Guerra e Paz* de Tosltói, o *Rouge et Noir* de Sthendal, a *Cousine Bette* de Balzac, a *Education Sentimentale* de Flaubert, o *Anthéchrist* de Renan, o Eça, e ainda o Taine, o Bouglé, o Ribot, se deve principalmente ao desejo de procurar descobrir nos grandes romancistas o segredo de fazer. Mas, esclarece não ser ambição literária que o move a “procurar esse dom misterioso para animar e fazer viver estas pálidas *Recordações*”. Seu objetivo, conforme já havia mencionado no prefácio da obra, era tentar “modificar a opinião dos seus concidadãos, obrigá-los a pensar de outro modo, a não se encherem de hostilidade e má vontade quando encontrarem na vida um rapaz como ele e com os desejos que tinha há dez anos passados” (p. 65).

Afora as menções explícitas da leitura empreendida pelo narrador há também os intertextos que percorrem a obra. A começar por Eça de Queirós citado de forma direta ou através do adjetivo *acaciano*, originado do nome do Conselheiro Acácio, personagem do romance *O primo Basílio*. Significa pomposo, sentencioso, bombástico, vazio de sentido e dentro do texto serve para depreciar a atitude dos redatores de jornais:

E o monstruoso redator desandou dizendo asneiras. [...] Entre eles, havia alguns a quem cabia bem a carapuça, mas que se calaram cobardemente. Queria perguntar-lhe se aqueles artigos *acacianos*, cheirando ainda muito à brochura francesa de dois

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	----------------	------	------	------------------	---------

mil e quinhentos [...] (p. 91)

Ou ainda na alusão ao termo *harpagonescamente*, isto é, à maneira de Harpagon, personagem principal da comédia *O avaro*, de Jean-Baptiste Molière: “Embaixo o gerente, em colete, sentado diante da grande mesa, contava *harpagonescamente* uma chusma de níqueis que ia dividindo em colunas, alinhando-as depois para o lado esquerdo à proporção que contava” (p. 141).

Sem contar que, na voz de Isaías Caminha, ocorre a menção à produção de uma obra de Lima Barreto citada no decorrer do texto, o que revela a identificação do autor com sua própria personagem: “Cinco capítulos da minha *Clara* estão na gaveta; o livro há de sair” (p. 158).

Há uma mudança brusca nos hábitos da personagem, no que diz respeito, sobretudo ao seu contato constante com a leitura, a partir do momento em que sua vida sofre uma reviravolta. Isto ocorre quando Isaías flagra o dono do jornal num conhecido estabelecimento da cidade do Rio de Janeiro. Segundo suas palavras, “[tendo] surpreendido na casa de Rosalina, em plena orgia o terrível diretor, vexei-o”, até o dia em que “o gerente, espantado e cobiçoso, notificou-me que eu ia servir na expedição e o meu ordenado estava aumentado de cinquenta mil réis” (p. 158) e algum tempo depois começou a trabalhar como repórter.

Logo, prossegue, “[até] ali tinha sido a doçura em pessoa, a bondade, a timidez e vi bem que não podia, não devia e não queria ser assim pelo resto de meus dias em fora”, de modo que começou a ler revistas obscuras, e lia somente jornais, embrenhando-se no mundo que antes criticava: “Aprendia Finanças, Economia Política, Estatística nos periódicos de França, de Portugal e da Argentina; neles, colhia citações de autores célebres, poetas, filósofos e sociólogos” (p. 160), por seu turno, no fim, acaba por acatar e imitar tudo aquilo que ele outrora condenara.

José Paulo Paes em seu artigo “O pobre diabo no romance brasileiro” (1990) tenta discorrer acerca da fenomenologia da pobrediabice, ou seja, a personagem comumente descrita como “o patético pequeno-burguês quase sempre alistado nas hostes do funcionalismo público mais mal pago, que vive a beira do naufrágio econômico que ameaça atirá-lo ao desamparo da sarjeta”. Trata, por

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	-------------	------	------	---------------	---------

sua vez, da personagem de Lima Barreto, Isaías Caminha. Contudo, não se atreve a classificá-lo como tal, afirmando que talvez esse não seja o signo mais adequado à representação literária do pobre diabo, principalmente pelo fato de que há algumas nuances de superioridade da personagem.

Paes (1990, p. 46) aponta, por seu turno, que “o sentimento da cor, tão vivo quando ele se sentia vítima de alguma humilhação pessoal, não servia para aproximá-lo dos seus irmãos de pele e de humilhações”. Quer dizer, separando-o deles, havia sempre a barreira da superioridade intelectual, que o distanciava até mesmo de sua mãe.

O estudioso chama atenção ainda para o fato de que “[pela] vertente confessional, as *Recordações* nos proporcionaram acesso à interioridade do pobre diabo, complicada ali por um componente que dela não é parte necessária”. Refere-se, pois, “à dúplice consciência de culpa de Isaías: do mulato que se sente separado, pela cultura livresca, dos seus irmãos de cor, e do escritor que, a despeito da sua posição crítica em face da sociedade que abomina, acaba por ela derrotado”(1990, p. 47), aspecto revelado no fim da obra, quando Isaías sente-se tal qual um parasita, adulando o diretor para obter dinheiro.

Convém destacar o pensamento postulado por Hans Robert Jauss de que a relação entre a literatura e o leitor tem implicações tanto históricas como estéticas. Para Jauss (s.d, p.58), “a implicação estética consiste no fato de a recepção de uma obra por parte dos seus primeiros leitores conter já uma avaliação do seu valor estético, por comparação com outras obras anteriormente lidas”. No que se refere à implicação histórica, “[manifesta-se] no fato de a interpretação dos primeiros leitores poder se desenvolver e enriquecer, de geração em geração, constituindo uma cadeia de recepções, que decidirá sobre a importância histórica de uma obra e sobre o seu destaque estético”.

Tal processo de enriquecimento do texto parece inevitável para o leitor, uma vez que permite, através da reapropriação de obras do passado, que relacionemos, simultaneamente, a arte do passado com a arte do presente, e os valores tradicionais com a nossa experiência atual da literatura. Não esquecendo, todavia, que conforme assevera Jauss (s.d, p.12), “de que a emergência do sentido do texto exige a estrutura antecipativa da compreensão, deve, pois ser entendido como o resultado ou o efeito do diálogo de perguntas e respostas que com ele mantém o leitor, a partir de seu horizonte de expectativa”.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	-------------	------	------	---------------	---------

A estética da recepção dá conta dos fatores que contribuíram para o fracasso de Lima Barreto na sua época e sua redescoberta em 1948. Sem contar que a partir do momento em que entramos em contato com a obra de Lima Barreto e trazemos para a realidade atual o seu pensamento acerca da imprensa, dos literatos e dos políticos, podemos visualizar algumas situações denunciadas por ele.

Partindo das palavras de Jauss de que “as obras não nasçam necessariamente ‘primas’, ou não o sejam para sempre”, parece que de certa forma, correspondem aos questionamentos e, sobretudo, a indignação de Barreto em sua obra *Diário íntimo* (1997), quando diz que:

“[não] se pode compreender no nosso tempo, em que as coisas do pensamento são mostradas como as mais meritórias, que um cidadão mereça injúrias, só porque publicou um livro. Seja o livro bom ou mau. Os maus livros fazem os bons, e um crítico sagaz não deve ignorar tão fecundo princípio”(p. 42-43).

A resposta, segundo Jauss, seria que tal início longe de ser meritório permitiria “por certo aliviar-nos do peso ou do desejo de tradição, mas [que] obrigaria então a postular um critério de diferenciação estética que, para além de uma mera inovação ou evolução das formas exprima a constituição do fato literário”.

Lima Barreto não pôde ser um artista do seu tempo, a explicação para esse lapso não reside apenas na sua cor e na sua pobreza, mas sim por este ser um inconformado, um homem que não seguia as concepções dominantes, não acreditava nas verdades do acessório. Daí até hoje persistir a idéia de que Lima Barreto era um escritor simplesmente ressentido. Cabe ao leitor, portanto, decidir o tipo de discussão que o livro promove, pois pode ter uma resposta diferente a cada momento, principalmente por que a obra tem vida própria. Aí se vê, sem dúvida, com uma clareza nada comum, o caráter ideológico e social da literatura.

Mas, por ora, prefiro repetir as palavras de Ricardo Piglia quando diz que obviamente não existe nenhuma relação entre qualidade literária e consagração crítica ou sucesso de público. A qualidade literária é algo tão raro e difícil de encontrar que nos

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	----------------	------	------	------------------	---------

acostumamos a procurá-la ali onde a crítica e o mercado negam os textos ou os silenciam.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO, João (org.). (1977) **Calvários e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BARBOSA, Francisco de Assis. (2002) **A vida de Lima Barreto**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- BARRETO, Lima. (2003) **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Ática.
- _____. *Diário Íntimo*. (1997) Porto Alegre: Mercado Aberto.
- BOSI, Alfredo. (1994) **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix.
- BROCA, Brito. (2005) **A vida literária no Brasil**. 1900. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, Academia Brasileira de Letras.
- FANTINATI, Carlos Erivany. (1978) **O profeta e o escrivão**. Estudo sobre Lima Barreto. Assis: São Paulo: Hucitec.
- JAUSS, Hans Robert. (s.d.) **A literatura como provocação**. Tradução Teresa Cruz. Lisboa: Vega.
- PAES, José Paulo. (1990) O pobre diabo no romance brasileiro. **A aventura literária**. Ensaios sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras.
- REZENDE, Beatriz. (1983) In.: SCHWARZ, Roberto (org.). Lima Barreto: a opção pela marginália. In.: **Os pobres na literatura**. São Paulo: Brasiliense.
- Disponível em:** www.ufrgs.br/cedron/piglia/ : Acessado em 10 de outubro de 2006.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	123-137
------	----------------	------	------	------------------	---------